

A REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA HOMOERÓTICA DO GÊNERO YAOI SOB O VIÉS PSICANALÍTICO

THE AESTHETIC REPRESENTATION OF VIOLENCE IN HOMOEROTIC LITERATURE OF THE YAOI GENRE UNDER THE PSYCHOANALYTIC BIAS

Elias Jardim Nogueira Cobraⁱ

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir a gênese da representação estética da violência no gênero literário *Yaoi* a partir das reflexões de Freud sobre a homossexualidade, apresentando esse gênero e seus tabus, estabelecendo um diálogo entre literatura e psicanálise. Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreu-se principalmente às obras de Freud, tais como *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos; Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos; O problema econômico do masoquismo (1924)*; bem como o *Dicionário de Psicanálise* de Elisabeth Roudinesco e Michael Plon. Ademais, consultou-se estudiosos que abordaram o tema e contribuíram para elucidar a questão. Chegou-se ao entendimento que o homoerotismo presente no *Yaoi* vinculou-se à formas problemáticas de expressão da sexualidade, talvez devido à uma tentativa de se libertar da repressão social e religiosa, dando livre vazão às mais diversas fantasias. Também concluiu-se que é preciso pensar para além dos conceitos, visto que a psicanálise é um método e não uma religião com dogmas fixos. Portanto, é preciso respeitar a subjetividade das experiências humanas e deixar que a literatura fale por si, sem violentar sua autonomia.

Palavras-chave: *Yaoi; Boy's Love; Sadomasoquismo; Homossexualidade.*

Abstract: *The present article aims to discuss the genesis of the aesthetic representation of violence in the Yaoi literary genre, based on Freud's reflections on homosexuality. It presents this genre and its taboos, establishing a dialogue between literature and psychoanalysis. For the development of this research, reference was mainly made to Freud's works such as Civilization and Its Discontents, new Introductory Lectures on Psychoanalysis and other texts; Three Essays on the Theory of Sexuality; Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria (The Case of Dora), and other texts; The Economic Problem of Masochism (1924); as well as Elisabeth Roudinesco and Michael Plon's Dictionary of Psychoanalysis. Additionally, scholars who have addressed the topic and contributed to elucidate the issue were consulted. It was understood that the homoeroticism present in Yaoi was linked to problematic forms of sexual expression, perhaps as an attempt to break free from social and religious repression, giving free rein to various fantasies. It was also concluded that it is necessary to think beyond concepts since psychoanalysis is a method, not a religion with fixed dogmas. Therefore, it is important to respect the subjectivity of human experiences and let literature speak for itself without violating its autonomy.*

Keywords: *Yaoi; Boy's Love; Sadoomasochism; Homosexuality.*

Submetido em: 17 mai. 2023

Aprovado em: 26 jun. 2023

ⁱ Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (PPGF-UNIFESP). E-mail: eliazcobra@hotmail.com.

Introdução

A psicanálise sempre procurou estabelecer contato com as artes, especialmente a literatura, muito explorada por Freud. Ele teorizou sobre a homossexualidade de maneira conceitual e especulativa, por isso, trabalhar este tema em solo contemporâneo significa superar alguns reducionismos e pensar na diversidade a partir de sua dimensão subjetiva e sua corporeidade. Nesse sentido, é preciso partir dos conceitos e inseri-los num contexto, como na literatura do gênero *Yaoi*, no qual se debruça esta pesquisa. Trata-se de um gênero controverso, pois lida com temas sensíveis, principalmente a violência, o estupro e a pedofilia. Para além dos fetiches, é importante analisar por que essa expressão literária se vinculou a esses conteúdos problemáticos e encontra respaldo no imaginário coletivo de um grupo de fãs (*fandom*).

Isto posto, o presente artigo tem por objetivo discutir a gênese da representação estética da violência no gênero *Yaoi* a partir das reflexões de Freud sobre a homossexualidade e avançar na análise do tema para além de uma conceitualização determinista. Nesse sentido, pretende-se expor e questionar a validade de alguns conceitos, bem como apresentar o universo do *Yaoi* e seus tabus a fim contribuir para uma análise crítica dessa arte, originalmente oriental, que se expandiu para o mundo inteiro.

Esta pesquisa está embasada principalmente nas obras *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos; Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos; O problema econômico do masoquismo (1924)*; de Freud, bem como o *Dicionário de Psicanálise* de Elisabeth Roudinesco e Michael Plon. Além disso, recorreu-se a estudiosos que abordaram esse tema, como Zsolt Demetrovics; Ágnes Zsila; Gláucio Aranha, entre outros. Soma-se a isso uma visita à literatura de Yukio Mishima e Umberto Eco.

Faz-se necessário pensar como o desejo homoerótico masculino se constrói neste gênero literário e como se compõe o público que consome esse conteúdo. Também é relevante discutir como Freud entende a homossexualidade para, a partir dele, avançar no estudo das relações de poder entre os corpos marcados pela violência. Por fim, é mister analisar as formas de expressão da sexualidade que muitas vezes se apresenta sob a forma de fetiches ou encontra em fantasias extremas sua liberdade. Portanto a pesquisa é importante para elucidar a questão de como o desejo feminino se emancipa através da produção e do compartilhamento desse material, sem excluir a parcela masculina que fantasia a partir da sua realidade.

Este artigo está dividido em dois tópicos, a saber, homossexualidade e (sado)masoquismo em Freud e a literatura do gênero *Yaoi* e a representação estética da violência. O primeiro se dedica a fazer uma introdução e contextualização dos conceitos estabelecidos por Freud sobre a suposta relação entre a homossexualidade e o masoquismo, além do sadismo. O segundo, por sua vez, introduz o gênero literário *Yaoi*, e mostra como se dão as relações de poder dentro dele, bem como sua reverberação no imaginário coletivo da comunidade de fãs.

Homossexualidade e (sado)masoquismo em Freud

Os mitos gregos e judaico-cristãos concordam que o ser humano é incompleto e explicam a origem da humanidade com uma falta fundamental. Na Bíblia, o relato da criação coloca Adão e Eva como metades complementares que se tornam uma só carne, metáfora de sua profunda interligação, que se consumará no casamento. A partir dessa unidade original, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo consideram a homossexualidade como antinatural e um pecado punível até mesmo com a morte. Platão, na obra *O Banquete*, narra pela boca do interlocutor Aristófanes, o mito do Andrógino, a saber, originalmente havia três gêneros de seres humanos completos de formas esféricas, homem com homem, mulher com mulher e homem com mulher (heterossexual), possuindo quatro braços, quatro pernas e duas cabeças. Eles foram separados por Zeus como castigo por sua presunção e a partir daí cada um busca sua metade desesperadamente. Fica evidente na obra supracitada que as relações mais profundas e extraordinárias, de amizade, intimidade e amor é entre duas metades masculinas. Como se verifica:

E todos os que são corte de um macho perseguem o macho, e enquanto são crianças, como cortículos do macho, gostam dos homens e se comprazem em deitar-se com os homens e a eles se enlaçar, e são estes os melhores meninos e adolescentes, os de natural mais corajoso. (Platão, 2003, p. 22).

E conclui que são esses os mais aptos para a política, pois não se preocupam com o casamento, mas apenas com a lei. Entretanto, é preciso observar que a homossexualidade não era vista unanimemente na Grécia como algo positivo. No trabalho histórico-crítico minucioso da teóloga alemã Uta Ranke-Heinemann percebe-se que alguns autores antigos como Plutarco; Sêneca, o Velho; Epicteto e o próprio dramaturgo Aristófanes possuem um certo desprezo pelos homens “afeminados”. A repulsa dos homossexuais herdada do judaísmo

fez com que o cristianismo realizasse um verdadeiro massacre, apoiado em palavras bíblicas mal traduzidas como a palavra grega *arsenokoites*, usada por Paulo em 1 Cor 6.9 (Ranke-Heinemann, 2019, p. 395).

De se observar que a *paiderastia* (amor de/por meninos) era uma prática considerada pedagógica na Grécia antiga (Andrade, 2017, p. 58). Em Atenas, especificamente, o relacionamento se dava entre um *erastes* (o amante mais velho) e um *eromenos* (o amado mais jovem). Este possuía entre 12 e 18 anos e devia se manter passivo, ou seja, não era aceitável que demonstrasse desejos sexuais por seu amante, mas devia respeitá-lo e honrá-lo. Quanto ao *erastes*, este grego, geralmente de 30 anos, era uma espécie de tutor que deveria proteger, educar e amar seu *eromenos*. Pinharanda Gomes observa que “tudo leva a crer que Platão condena, não apenas a pederastia, mas todas as espécies de relações amorosas antinaturais.” (2000, p. 68). Aristóteles, na mesma linha, vai classificar a perversão sexual (*tò aphrodisión*), traduzida também como *paederasty* (pederastia) dentro da disposição bestial (2014, p. 263). Todavia, é difícil precisar a intenção do filósofo de Estagira, dado que fala brevemente sobre o assunto, de modo que é impossível saber se estava pensando no sentido genérico ou específico do termo. Parece que o problema central é a posição do homem, que, devido a sua natureza viril não deveria se comprazer no ato sexual como as mulheres, cujo comportamento é naturalmente passivo.

Isto posto, Freud, em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade*, classifica as pessoas cujo objeto sexual é do mesmo gênero de “invertidas” e faz a distinção entre absolutos (que sentem atração exclusivamente por pessoas do mesmo sexo), anfígenos (que Freud chama de hermafroditas sexuais, ou seja, que sentem atração por pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto) e ocasionais (que em certas condições extremas, na falta do objeto sexual “normal”, encontram prazer com uma pessoa do mesmo sexo). O criador da psicanálise levanta a hipótese do caráter inato da “inversão” no tocante à primeira classe e a hipótese de que a “inversão” é adquirida e, nesse caso, está relacionada principalmente a vivências da primeira infância, mas ressalta que nenhuma delas explica a natureza da “inversão”. Freud recorre ainda a “predisposição originariamente bissexual, que, no curso do desenvolvimento, vai-se transformando em monossexualidade, com resíduos ínfimos do sexo atrofiado” (Freud, 1949, p. 87) e a chama de “hemaafroditismo psíquico”, porém deixa claro que não se sabe em que consiste essa disposição que afeta a pulsão sexual.

Nesse sentido, Freud aponta na direção de que a homossexualidade é mais um componente da sexualidade humana do que uma estrutura, “fazendo a homossexualidade derivar da bissexualidade e remetendo-a a uma escolha inconsciente, ligada à renegação, à

castração e ao Édipo.” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 352). Mais explicitamente, em 1935, responde à uma mãe norte-americana cujo filho é homossexual que essa condição é apenas uma variação da função sexual devido a uma suspensão do desenvolvimento sexual. Além disso, ele estabelece como componente central da organização da sexualidade infantil a “disposição perverso-polimorfa”, ou seja,

A criança é um ser de gozo, cruel, inteligente e bárbaro, que se entrega a toda sorte de experiências sexuais, às quais renunciará ao se transformar num adulto. No que concerne a esse aspecto, a sexualidade infantil não conhece lei nem proibição, e leva em conta, para se satisfazer, todos os objetos e todos os alvos possíveis. (Roudinesco; Plon, 1998 p. 772).

Soma-se a isso a constatação de Freud de que “todas as pessoas são capazes de uma escolha homossexual de objeto e que também a fizeram no inconsciente.” (Freud, 2016, p. 34). O psicanalista austríaco também relaciona a homossexualidade com o masoquismo e tenta explicar a tendência masoquista da vida instintual do ser humano, visto que aparentemente entra em conflito com o princípio do prazer. Além do masoquismo primário, originário e erógeno em referência à pulsão de morte, postula que há o masoquismo “feminino” no qual é possível discernir na fantasia da criança que apanha de alguém o desejo inconsciente de ter relações sexuais passivas. Primeiramente é preciso estabelecer que o corpo sempre tenta manter o aparelho psíquico no princípio de constância, ou seja, reduzir ao máximo as somas de excitação que fluem sobre ele (também chamado de princípio de Nirvana). De se observar que o prazer e o desprazer dependem menos de um fator quantitativo que qualitativo, mas não se sabe precisar qual é essa característica qualitativa. Ora, essa tentativa de manter uma estabilidade psíquica está a serviço dos instintos de morte, junto ao instinto de vida (libido). Nas palavras de Freud, “o princípio do Nirvana exprime a tendência do instinto de morte, o princípio do prazer representa a reivindicação da libido, e a modificação dele, o princípio da realidade, a influência do mundo externo” (Freud, 1924, p. 168).

De fato, o fundador da psicanálise distingue três formas de masoquismo, a saber, aquele que aparece como condição imposta à excitação sexual (masoquismo erógeno, subsistente nas outras duas formas); como expressão da natureza feminina (masoquismo feminino) e como norma de comportamento (masoquismo moral, relacionado ao sentimento de culpa, na maioria das vezes inconsciente) (Roudinesco; Plon, 1998, p. 683). Este artigo irá restringir-se ao segundo caso, analisado particularmente por Freud entre homens. Geralmente, este tipo tem um fim em si mesmo, se conclui com a masturbação ou induz ao ato sexual. As

fantasias mais recorrentes envolvem ser amarrado, amordaçado, espancado, açoitado, sujado e forçado à obediência incondicional. Mutilações são mais raras. Aflora à evidência que o indivíduo deseja ser tratado como uma criança, mais especificamente, uma criança travessa e a maioria das fantasias mais elaboradas colocam o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina; o que significam, ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz um bebê (Freud, 1924, p. 169). Também jaz nesse caso um sentimento de culpa, pois o indivíduo presume que cometeu algum crime (cuja natureza é indefinida), que precisa ser expiada por todos aqueles procedimentos dolorosos e atormentadores.

Segundo Freud, o correspondente do masoquismo na vida instintual é o sadismo. Assim sendo, a missão da libido é tornar inócuo o instinto destruidor e faz isso desviando esse instinto, em grande parte, para fora, ou seja, para objetos do mundo externo. Esse instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder e pode ser introjetada outra vez dando origem ao masoquismo secundário (Freud, 1924, p. 171). Como corolário tem-se que

O masoquismo erógeno partilha todas as fases de desenvolvimento da libido, delas tomando as variadas roupagens psíquicas que assume. O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) procede da organização oral primitiva; o desejo de ser surrado pelo pai, da fase sádico-anal que a ela sucede; a castração, embora depois negada, introduz-se no conteúdo das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio fálico de organização; as situações em que o indivíduo é possuído ou dá à luz, caracteristicamente femininas, derivam naturalmente da organização genital final. (Freud, 2011, p. 172-173).

Freud defende que a civilização, ou cultura, é o resultado da renúncia à satisfação direta das pulsões sexuais. Assim, a agressividade primitiva é voltada para dentro para se adequar à cultura, isto é, à vida organizada por leis. Ademais, ele aventa que as religiões foram grandes vetores dessa introjeção da própria agressividade. É mister ressaltar que isso não acontece sem sofrimento, por isso o *Mal-estar na civilização* (nome de uma obra de 1915). Com efeito, a tese defendida pelo fundador da psicanálise é que sente-se prazer por contraste, ou seja, só existe prazer se existe dor. Para reforçar seu argumento, recorre a Goethe: “nada mais tedioso do que uma sucessão de dias belos”. O ser humano é fraco e sente dor por conta de sua condição, além da dor causada pelas forças da natureza. Soma-se a isso que o que mais causa dor é o relacionamento com os outros seres humanos. Portanto, a felicidade, ou melhor, os momentos felizes, estão diretamente relacionados à economia libidinal. Nesse sentido, não há receita universal para felicidade. À guisa de conclusão, o ser

humano precisa da cultura, isto é, ideais éticos que funcionam como uma barreira para a agressividade (Freud, 2010 p. 249).

O sadomasoquismo está intimamente relacionado ao masoquismo, de modo que é muito frequente encontrar os dois fenômenos no mesmo indivíduo. Nesse sentido, Freud defende que, “no sadismo, o sujeito inflige dores ao outro e goza, ‘ele mesmo, masoquisticamente, na identificação com o objeto sofredor’.” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 682). Enfim, como escreveu Umberto Eco na obra *O nome da Rosa*: “Se há uma coisa que excita mais os animais que o prazer é a dor.” (Eco, 2012, p.64). Com efeito, a relação paradoxal entre dor e prazer é explorada largamente na literatura, especialmente no gênero em questão deste trabalho e evidencia a natureza ambígua do ser humano que não simplesmente foge da dor e busca o prazer, como os animais, mas mistura os dois numa trama indissolúvel. Portanto, a literatura homoerótica, mais especificamente o *Yaoi*, se vale de um princípio masoquista, descrito por Freud, que perpassa as relações homossexuais masculinas como se verá no próximo item.

A literatura do gênero *Yaoi* e a representação estética da violência

Yaoi é um gênero de mangá e anime focado no relacionamento homoerótico masculino. Ele surgiu nos anos 1970 como um subgênero dos mangás *shojo*, isto é, voltado para o público feminino jovem. O termo é formado pelo acrônimo 「ヤマなし、オチなし、意味なし」 (*yama nashi, ochi nashi, imi nashi*) que significa literalmente "sem clímax, sem objetivo, sem sentido", pois era focado apenas nas relações sexuais, sem uma história consistente. *Boy's love* (BL) é um termo que abrange uma mídia específica, principalmente mangá e anime, que tematiza o amor romântico entre dois homens, frequentemente de forma sexual explícita. Primeiramente, usou-se de modo corrente o termo *shonen-ai* (amor entre meninos), mas posteriormente ele se restringiu às histórias focadas mais no desenvolvimento emocional do que sexual, sendo *Yaoi* o seu oposto. No Japão, atualmente, o termo *shounen-ai* caiu em desuso, apenas no ocidente ainda é utilizado para mangás sem cenas de sexo. (Aranha, 2010, p. 244). A representação de relacionamento homossexual masculino aparece também em vídeo games, filmes, séries, artes e histórias feitas por fãs (*fanart* e *fan fictions*).

Interessante observar que histórias envolvendo relacionamento homoerótico masculino sempre foram populares entre as mulheres jovens, não só no Japão, mas também no Ocidente,

especialmente na América do Norte e alguns países da Europa, onde filmes e livros tratando da temática atraíram muitas pessoas no final dos anos 1970, mas não chegou a criar uma comunidade sólida como a fandom de *Boy's Love* (Demetrovics; Zsila, 2017, p. 2). Com a popularização dos animes e mangás fora do Japão a cultura se expandiu e tornou-se um fenômeno global, graças ao advento da internet, que possibilitou a comunicação entre os fãs e divulgação de materiais criados por profissionais e amadores. Segue-se que alguns subgêneros emergiram, como o *shota*, que retrata meninos pré-adolescentes em situações sexualmente carregadas e *bara*, criado por homens gays para homens gays que destacam o relacionamento entre personagens masculinos em situações mais realistas. Este subgênero está restrito à cultura gay masculina, enquanto o *Yaoi* é predominantemente consumido por mulheres, pois “ele criou um espaço para as mulheres compartilharem uma fantasia coletiva na qual elas podem se dissociar dos constructos de gênero e restrições sociais (Hori 2013).” (Demetrovics; Zsila, 2017, p. 3)².

Isto posto, as histórias geralmente combinam clichês (como por exemplo, amor proibido, amor à primeira vista, “sair do armário” etc.) com situações problemáticas, tais como o estupro, incesto, zoofilia, pedofilia, entre outros. Frequentemente encontra-se também personagens marcados por profundos traumas psicológicos e relações tóxicas. A estética é predominantemente marcada por personagens *bishonen*, ou seja, que possuem características físicas excepcionais, em outras palavras, corpos idealizados. Um casal comum no *Yaoi* é composto por um personagem dominante masculino chamado *seme* e um parceiro submisso afeminado chamado *uke*. Muitas fãs preferem ver a inversão dos papéis, de modo a se identificarem com a figura passiva que se torna ativa (“*uke* sobre *seme*”). Ademais, é muito comum ver o *uke* ser vítima de estupro e/ou abuso por uma terceira pessoa ou até mesmo pelo *seme*, visto que indica o início de uma relação apaixonada. De fato,

Como Hagio observa, a (estética) ilustração do estupro em um ambiente mais suportivo pode ajudar os fãs de *boy's love* a lidar com experiências similares providenciando uma situação mais controlada e positiva nas narrativas para aliviar seus próprios traumas (2005).” (Demetrovics; Zsila, 2017, p. 3).³

² "Has created a unique space for women to share a collective fantasy in which they can dissociate themselves from gender constructs and social restrictions (Hori 2013)." (Demetrovics; Zsila, 2017, p. 3, Tradução nossa).

³ “As Hagio remarks, the (aesthetic) illustration of rape in a more supportive environment may help boys’ love fans cope with similar experiences by providing a more controllable and positive situation in the narratives to relieve their own traumas (2005).” (Demetrovics; Zsila, 2017, p. 3). Tradução nossa.

Aflora a evidência de que a relação começa de forma violenta e muitas vezes se mantém assim, entrando na dimensão do fetiche, isto é, uma forma de gozo exclusiva que desvia a libido para um objeto parcial. A priorização das emoções sobre as normas tradicionais, sobre os constructos de gênero, sobre diferença de classe e expectativas sociais é um tema predominante nas histórias de *Yaoi*. De se observar que, geralmente, o protagonista está envolvido num relacionamento com uma mulher e de repente se apaixona por outro homem no primeiro encontro. Assim, o casal não se considera homossexual. É mister ressaltar que não é fácil se assumir como gay no Japão e que as histórias refletem o imaginário coletivo fantasioso feminino e não a realidade. As fãs de *Yaoi* são chamadas comumente de *fujoshi*, que significa “garota podre”, enquanto seu equivalente masculino é *fudanshi*, ou seja, “garoto podre”, o que evidencia um certo estigma com a comunidade (Pereira, 2018, p. 1).

Do exposto deflui que a literatura homoerótica na forma de mangá, chamada de *Yaoi* ou *Boy's Love* carrega uma potência transgressora que serve tanto à emancipação do desejo feminino quanto à romantização da violência e outras práticas condenáveis. Com efeito, a pergunta principal que fica é por que esse gênero se inclina tão fortemente à violência e, por conseguinte, ao sangue, à noite e à morte, quem pode explicar por que os fãs se encantam com fantasias em que seus príncipes sofrem cruelmente? (parafraçando o brilhante artista Yukio Mishima⁴) (Mishima, s/d. p. 16). Talvez a resposta mais óbvia seja o trauma, mas para além disso, o próprio Mishima tenta responder:

Por que deveria um homem se associar à beleza apenas através de uma morte heroica e violenta? Na vida comum, a sociedade mantém uma vigilância cuidadosa para se assegurar de que os homens não tenham acesso à beleza; a beleza física no macho, quando considerada como um "objeto" em si, é desprezada, e a profissão de ator – que envolve, constantemente, o "ser visto" – nunca recebe o respeito que merece. No que se refere ao homem, impõe-se uma regra rígida: sob condições normais, um homem nunca deve permitir se transformar em objeto: ele só pode ser objetivado através da ação suprema – que é, eu suponho, o momento da morte, o momento quando, mesmo sem ser visto, a ficção de ser visto e a beleza do objeto são permitidos. (Mishima, 1986, p. 53).

Portanto, conclui-se que o gênero literário contemporâneo *Yaoi* possui múltiplas finalidades (além de entreter e excitar), como a catarse, isto é, a purificação das paixões através da representação de incidentes que suscitam piedade e temor (Queiroz, 2013, p. 1);

⁴ Trata-se de um novelista e dramaturgo homossexual japonês que “introduz na literatura japonesa a ideia de um sujeito em crise sexual no Japão pós-guerra, apresentando pela primeira vez o neologismo *danshoku-ka*, o qual vem denotar uma identidade orientada para o *danshoku* [‘erotismo masculino’]” (Aranha, 2010, p. 248).

bem como a sublimação, ou seja, um mecanismo de defesa bem-sucedido que transforma um impulso primitivo em algo artístico e socialmente valorizado. Entretanto, a representação estética da violência (muito presente nas histórias) pode afastar novos leitores ou chocar os desavisados, além de aumentar o estigma da comunidade. Assim, com o advento de grupos feministas nas redes sociais que começaram a problematizar o abuso e a violência sexual, a comunidade se dividiu em dois grupos, aqueles que divulgam material “sem filtro” (*NSFW*⁵) e outro, o material “saudável” (*SFW*⁶), o que não aconteceu sem tensões (Pereira, 2018, p. 9). Enfim, a estética *Yaoi* ajuda a compor um universo compartilhado de desejos, principalmente entre meninas que “*shippam*”⁷ os mesmos personagens e trocam suas experiências, o que não exclui meninos que se debruçam sobre essas histórias e se deleitam com a representação de fantasias que reverberam sua própria sexualidade.

Considerações Finais

Pode-se concluir que a representação estética da violência na literatura do gênero *Yaoi* possui efeitos paradoxais de alívio e tensão derivados da dor e do prazer, do eterno jogo entre *Eros* e *Thanatos*. Os traumas adquiridos na infância são marcantes para o desenvolvimento de fetiches, mas nem todos são determinados por eles. Visto que é difícil falar em normalidade no contexto sexual e, a partir de Freud, iniciou-se um movimento de despatologização, cabe a cada indivíduo encontrar a forma mais livre e sadia de viver sua sexualidade, mesmo que recorra a fantasias controversas. Como foi exposto, o homoerotismo literário evoca reflexões acerca das relações de poder, além de flertar com temas problemáticos, já que, a partir do momento que se considera as relações homossexuais como antinaturais, pecaminosas e erradas, parece não haver contorno do que é impróprio e vale tudo para satisfazer os desejos mais primitivos.

Portanto, cabe questionar a gênese desse fenômeno, que parece remontar à tradição religiosa e conservadora que marginaliza o desejo homoerótico e carrega de culpa sua expressão. Talvez, por isso, sua representação teve que se vincular à violência e a outros conteúdos questionáveis, como forma de dar vazão aos impulsos libidinais e destrutivos, bem

⁵ “Not Safe For Work” (“Não seguro para o trabalho” trata-se de uma gíria usada na internet para indicar conteúdos que possuem cenas de nudez, sexo explícito, cenas de extrema violência, entre outros temas sensíveis).

⁶ “Safe For Work” (“Seguro para o trabalho”, trata-se do oposto da definição anterior).

⁷ “Shipp” diz respeito ao casal que se torce para ficar junto. Nesse sentido, o ato de “shippar” é torcer por esse casal. Essa noção não se restringe somente a títulos *Yaoi* oficiais, mas a qualquer história que apresente um casal de personagens que ficam bem juntos. (Pereira, 2018).

como uma possível forma inconsciente de autopunição, seja na identificação ou na produção do conteúdo. Soma-se a isso a possibilidade de transgressão das normas e costumes sociais, libertando os corpos das amarras éticas e potencializando as fantasias. Entretanto, vale ressaltar que as considerações acima dizem respeito à representação fictícia de relacionamentos homoeróticos através da arte e não possuem correspondência com a realidade, de modo que, a princípio, não configuram crime.

Freud foi genial na criação de um método para investigar os fenômenos da vida emocional, mas alguns conteúdos de sua teoria foram superados e não podem ser aplicados dogmaticamente na atualidade. A título de exemplo, vincular a homossexualidade masculina a um “masoquismo feminino”, colocando a mulher sempre como submissa e aficionada à dor, limita a alteridade das experiências humanas. É preciso questionar se essa forma de viver a sexualidade envolvendo violência não foi a única maneira que as pessoas homossexuais encontraram para se expressar. Finalmente, faz-se necessário promover um diálogo entre psicanálise e literatura sem que a autoridade daquela submeta esta e restrinja sua expressão, visto que a arte é muito mais que uma economia de afetos. Para além de utilizar a literatura como forma de corroborar as teses da psicanálise, é mister pensar a partir de Freud e abrir espaço para que a literatura fale por si e mostre que a experiência estética é muito mais rica e menos racional do que se espera.

Referências

- ANDRADE, T. S. M. de. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. *Faces da História*, Assis-SP, v.4, n.2, p. 58-72, jun.-dez. 2017. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/271/835>>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- ARANHA, G. Vozes abafadas: o mangá yaoi como mediação do discurso feminino. *Revista Galáxia*. São Paulo, n. 19, p. 240-251, jul. 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/3305/2216>>. Acesso em: 03 de abr. 2023.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. 4 ed. São Paulo: Edipro 2014.
- DEMETROVICS, Z.; ZSILA, A. The boys' love phenomenon: A literature review. *Journal of popular romance studies*. v. 6, 2017. Disponível em: <<https://www.jprstudies.org/2017/04/the-boys-love-phenomenon-a-literature-review-by-agnes-zsila-and-zsolt-demetrovics/>>. Acesso em: 02 abr. 2023.
- ECO, U. *O nome da rosa*. Trad. Aurora Feroni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924) *In: FREUD, S. O eu e o id, "autobiografia" e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MISHIMA, Y. *Confissões de uma máscara*. Trad. Manuel Paulo Ferreira. Círculo do Livro S.A., s/d.

MISHIMA, Y. *Sol e aço*. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Editora Brasiliense S.A. 1986.

PEREIRA, S. C. A. Fujoshis e Fudanshis do Brasil: subjetividades a partir das leituras do Yaoi. *Ponto Urbe*. 23, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/5665>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

PLATÃO. *Fedro ou Da Beleza*. Trad. Pinharanda Gomes. 6 ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

QUEIROZ, A. Sobre o conceito de catarse na poética de Aristóteles. *Revista Entrelinhas*. v. 1 n. 1, 2013. Disponível em <<https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/entrelinhas/article/view/214/160>>. Acesso em 03 de abr. 2023.

RANKE-HEINEMANN, U. *Eunucos pelo reino de Deus: Igreja Católica e sexualidade – de Jesus a Bento XVI*. Trad. Paulo Fróes e Débora Donadel. 5 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.